



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

ESCOLA DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA VIDA

PSICOLOGIA FORENSE

**RELAÇÃO ENTRE AGRESSÃO, PSICOPATIA E
VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES NA INTIMIDADE:
PREMEDITAÇÃO-PSICOPATIA E VRI**

Dissertação de Mestrado apresentada a provas públicas para a obtenção do grau de
mestre em Psicologia Forense, orientada por Professora Doutora Ana Rita Cruz e
Professora Doutora Patrícia Figueiredo

Inês Maria Vicente Pereira

2023

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

ESCOLA DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA VIDA

PSICOLOGIA FORENSE

**RELAÇÃO ENTRE AGRESSÃO, PSICOPATIA E
VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES NA INTIMIDADE:
PREMEDITAÇÃO-PSICOPATIA E VRI**

VERSÃO FINAL

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona, Centro Universitário de Lisboa no dia 11/01/2024, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação nº:529/2023, de 12 de 2023, com a seguinte composição:

Presidente: Prof.^a Dr.^a Carolina da Motta

Arguente: Prof.^a Dr.^a Andreia Castro Rodrigues

Orientador: Prof.^a Dr.^a Patrícia Figueiredo

Este trabalho também foi orientado por Professora Doutora Ana Rita Cruz

Inês Maria Vicente Pereira

2023

Agradecimentos

A presente dissertação foi marcada por diferentes emoções, umas boas outras menos boas, mas sobretudo por avanços e recuos que me fizeram evoluir.

Este agradecimento é especialmente direcionado a todos os que partilharam comigo este último ano. Em primeiro lugar agradeço a Professora Patrícia Figueiredo por toda a sua disponibilidade, compreensão, de exigência e de orientação, ao longo de todos os seminários, porque sem esse apoio este percurso não seria possível. Agradeço também às minhas colegas, com quem partilhei este seminário, porque apesar de atarefadas funcionamos sempre como uma boa equipa.

Resumo

A Violência nas relações de intimidade é um problema devastador e prevalente em todo o mundo. Sabe-se que a psicopatia pode ser um fator de risco para a perpetração de atos de violência, mas menos consistente é a literatura quanto à violência nas relações de intimidade. Examinar e definir os fatores psicológicos que contribuem para a perpetração de violência, em específico, violência nas relações de intimidade, poderá ajudar a aumentar a compreensão das fontes que geram o comportamento violento. Desta forma, este estudo tem como objetivo perceber a relação entre a psicopatia, e a perpetração de VRI e como a premeditação pode afetar esta relação. Importa referir que a psicopatia é definida como uma perturbação da personalidade, constituindo-se um preditor significativo do comportamento antissocial. Um estudo transversal foi realizado com 342 participantes ($n = 270$ mulheres), com idades entre os 18 e os 73 anos. Para explorar as diferenças entre perpetradores e não perpetradores de VRI, foram utilizados teste t para amostras independentes para identificar as diferenças significativas. A partir dos resultados obtidos foram analisados efeitos de mediação. Os resultados obtidos através das análises preliminares demonstram que a psicopatia está associada à perpetração de VRI. Os resultados obtidos estão em linha com outros estudos que investigaram essa mesma ligação.

Palavras-chave: agressão, violência nas relações de intimidade, psicopatia, premeditação

Abstract

Intimate partner violence is a devastating and pervasive issue worldwide. It is known that psychopathy can be a risk factor for perpetrating acts of violence, but the literature on intimate partner violence is less consistent. Examining and defining the psychological factors that contribute to the perpetration of violence, specifically intimate partner violence, may help enhance the understanding of the sources that generate violent behavior. Thus, this study aims to understand the relationship between psychopathy and the perpetration of IPV and how premeditation may affect this relationship. It is important to note that psychopathy is defined as a personality disorder, serving as a significant predictor of antisocial behavior. A cross-sectional study was conducted with 342 participants ($n=270$ women) aged between 18 and 73 years. To explore differences between perpetrators and non-perpetrators of IPV, independent sample t-tests were employed to identify significant distinctions. Mediation effects were then analyzed based on the results obtained. The results obtained from preliminary analyses demonstrate that psychopathy is associated with the perpetration of IPV. These findings are consistent with other studies that have examined this same association.

Keywords: aggression, intimate, relationships, violence, psychopathy

Lista de Abreviaturas

APAV	Associação Portuguesa de Apoio à Vítima
CADRI	Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory
DP	Desvio-Padrão
IPAS	Impulsive-Premeditated Aggression Scale
M	Média
OMS	Organização Mundial de Saúde
P1	Psicopatas predominantemente primários
P2	Psicopatas predominantemente secundários
SRPS-SF	Self-Report Psychopathy Scale
SPSS	Statistical Package for the Social Science
VRI	Violência nas Relações de Intimidade

Índice

Resumo	4
Abstract.....	5
Lista de Abreviaturas.....	6
Índice de Tabelas	8
Índice de Figuras	9
Enquadramento Teórico	10
Metodologia.....	18
Instrumentos	20
Procedimento	22
Análise de Dados.....	22
Resultados.....	24
Análises Descritivas	24
Resultados preliminares.....	24
Associações entre as Medidas de Psicopatia e Premeditação.....	25
Análises de Mediação	26
Discussão	28
Referências Bibliográficas.....	32

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica dos participantes incluídos no estudo.....	19
Tabela 2 - Diferenças de grupo nas medidas de psicopatia e premeditação entre os perpetradores e não perpetradores de VRI	25
Tabela 3 - Associação entre as medidas de VRI, Psicopatia e Premeditação	26

Índice de Figuras

Figura 1 - Mediação Estatística da Associação entre Psicopatia Total e a Perpetração de VRI Mediada pela Premeditação.....	27
Figura 2 - Mediação Estatística da Associação entre a Faceta Estilo de Vida da Psicopatia e a Perpetração de VRI Mediada pela Premeditação.....	27

Enquadramento Teórico

Embora seja uma realidade presente desde os primórdios da humanidade, a violência tem vindo a assumir uma natureza em constante mutação e frequentemente desprovida de consenso, evoluindo em paralelo com as conceções e ações dos seres humanos (Schmitti & Imbellioni, 2011). A violência pode ser descrita como um comportamento deliberado, inato ou adquirido, com a intenção primordial de causar dano ou prejudicar terceiros, sendo perpetrada por indivíduos, grupos ou entidades (Organização Mundial de Saúde [OMS], 2023). Ademais, a violência pode ocorrer durante a infância ou na idade adulta e pode ser perpetuada por si mesmo, por conhecidos ou desconhecidos (Fang & Corso, 2007). A agressão como parte inerente à violência (Reidy et al., 2011), foi definida por Anderson e Bushman (2002) como “qualquer comportamento direcionado a outro indivíduo que é realizado com a intenção imediata de causar dano, e durante o qual, o perpetrador deve acreditar que o comportamento irá prejudicar o outro, e o outro está motivado a evitar o comportamento (p. 28)”.

Concretamente, a violência nas relações de intimidade (VRI) representa uma manifestação de abuso presente em ligações românticas, que podem ocorrer de forma esporádica ou persistente, perpetrada por um dos parceiros ou por ambos, com o propósito de exercer controlo, domínio e um desequilíbrio de poder sobre o outro indivíduo envolvido na relação (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV], 2023). A VRI constitui um problema persistente, que apresenta elevadas taxas de prevalência em vários países europeus (Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia, 2015). As suas consequências são preocupações comuns na área da saúde pública global (Mason, 2021; Pereira et al., 2020), pelo que este fenómeno representa uma violação grave dos direitos humanos (Pereira et al., 2020). Estima-se que cerca de 1 em cada 3 mulheres em todo o mundo sofreram de alguma forma de VRI, nomeadamente, física e/ou sexual ao longo da

vida (Organização Mundial de Saúde [OMS], 2021) e que uma em cada cinco mulheres sofreu episódios de violência física e/ou psicológica desde os 15 anos de idade (Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia, 2017).

Aquando da definição do conceito de VRI é necessário diferenciá-lo do, já muito conhecido, conceito de violência doméstica. O conceito de violência doméstica, é um conceito mais amplo que pode incluir qualquer forma de violência ocorrida em ambiente familiar, que embora maioritariamente exercida sobre mulheres, pode ser direcionada a crianças, idosos ou outras pessoas mais vulneráveis (Resolução do Conselho de Ministros nº 88/2003, de 7 de julho). Já a VRI, uma denominação mais recente, é utilizada para se referir não apenas a contextos de violência por parte de um casal, mas específico no contexto de qualquer relação de intimidade, independentemente do estado civil ou da orientação sexual do casal (namoro ou relacionamentos homossexuais) (Corvo & deLara, 2010; McCue, 2008). Este conceito de violência exclui outras formas de abuso, como o abuso infantil, de idosos, contra irmãos, ou colegas de quarto que não mantenham nenhum relacionamento íntimo (Corvo & deLara, 2010; McCue, 2008). Assim, por definição, a VRI refere-se a todos os comportamentos de agressão física (esbofetear, espancar, empurrar), abuso psicológico (insultos, depreciação, humilhação constante ou intimidação), violência sexual (ter relações forçadas ou outras formas de coerção sexual) e comportamentos controladores (isolar a/o companheira/o da família e dos amigos ou controlar todos os seus comportamentos), que ocorrem num relacionamento íntimo (e.g., Cunha et al., 2021). Apenas no século XX, a VRI começou a ser vista como um problema social (Ventura et al., 2013).

O Ciclo da Violência, que geralmente está associado à violência conjugal, pode ser adotado para explicar a relações de namoro (Ismail et al., 2007) e utilizado para descrever as fases de violência na VRI. Este ciclo encontra-se dividido em três fases:

aumento da tensão, ataque violento/explosão e lua de mel (Walker, 1979). A primeira fase relaciona-se com o facto de todas as relações terem episódios de tensão ou conflito mas, numa relação não-abusiva, a tensão é interrompida pelo recurso de estratégias de negociação ou resolução de forma não violenta, ao passo que nas relações abusivas, o agressor não tem a capacidade de recorrer a este tipo de estratégias e, dada a sua necessidade de domínio, utiliza situações do quotidiano que levam a um aumento da tensão e, conseqüentemente, resultam num ambiente de iminente perigo. Na segunda fase, os comportamentos que tipicamente se iniciam com a violência verbal, rapidamente escalam para diferentes tipos de violência (e.g., controlo ou agressão física). A última fase, é conhecida também por o apaziguamento ou a reconciliação, sendo manifestado arrependimento e a promessa de que não volta a acontecer. Durante este tempo a atenção positiva sobre a vítima, tem o intuito de restabelecer a normalidade na relação. Ao longo do tempo, a violência tende a aumentar a sua frequência, intensidade e perigosidade e, desta forma, o risco para a vítima aumenta e as conseqüências negativas são mais intensas (Walker, 1979).

Existem vários fatores associados aos riscos de perpetração de VRI. Note-se que um fator de risco é, geralmente, definido como uma variável que está estatisticamente associada a um resultado pernicioso, aumentando a probabilidade de ocorrência desse resultado (Bowen, 2011). A investigação tem sugerido que a VRI é o resultado da acumulação de vários fatores de risco ao longo do desenvolvimento individual (Connolly et al., 2010; Novak & Furman, 2016). Em regra, os fatores de risco não são concebidos como causas diretas da VRI, mas podem aumentar a probabilidade de se manifestarem comportamentos violentos (Ribeiro & Sani, 2009). Associados à VRI encontram-se fatores de risco individuais (e.g., idade jovem, depressão, do excesso de álcool, perturbações de personalidade, baixo desempenho académico), relacionais (e.g., conflitos

conjugais, instabilidade conjugal, domínio sobre a família, stress económico ou mau funcionamento familiar; e.g., Caridade, 2011), comunitários (e.g., sanções comunitárias, pobreza, baixo nível económico; e.g., Vagi et al., 2013) ou sociais (e.g., normas tradicionais de género, normas sociais que apoiam a violência; e.g., Button & Miller, 2013; Olsen et al., 2010) (OMS, 2010). Para além destes fatores, a psicopatia tem sido reconhecida na literatura como um poderoso preditor de violência (Leistico et al., 2008). Embora a maioria das pessoas que comete VRI não seja psicopata, existem evidências que sugerem que a psicopatia está associada a um maior risco de perpetração de violência no contexto da relação íntima (Costa & Babcock, 2008), devido à sua associação a comportamentos antissociais, impulsivos e violentos (Camp et al., 2013).

Psicopatia

A palavra “psicopatia”, de origem grega “*psyche*”, refere-se a alma e “*path*” refere-se ao sofrimento da alma (Santos, 2014). Este conceito surgiu num trabalho desenvolvido por Pinel, um médico francês conhecido como ‘pai da Psiquiatria’, no qual se refere à psicopatia como “*Manie Sans Délire*” para indicar os indivíduos que mostravam ser agressivos e atípicos (Gonçalves & Soeiro, 2010). A psicopatia foi uma das primeiras Perturbações da Personalidade a ser reconhecida e investigada (Cooke et al., 2012), sendo um conceito difundido na área da psicopatologia ou psicologia da personalidade, especialmente na psicologia jurídica e forense. De facto, para alguns investigadores, como Hare (2003), a psicopatia é um dos construtos clínicos mais importantes nestas áreas.

O conceito de psicopatia evoluiu ao longo da história. Um momento-chave para a conceptualização da psicopatia foi a proposta por Hervey Cleckley em 1941 (Cleckley, 1988), que propôs uma distinção muito clara entre os criminosos e a pessoa que diagnosticada com psicopatia. Para este autor, o que define fundamentalmente a

psicopatia não é o comportamento criminoso, mas a presença de uma série de traços de personalidade, geralmente relacionados à falta de emoção (e.g., falta de nervosismo, ausência de remorso ou vergonha, incapacidade de amar, reações afetivas superficiais) e a presença de uma aparência externa de normalidade (e.g., falta de delírios e outros sinais de pensamento irracional, charme superficial e boa “inteligência”). Portanto, para Cleckley, nem todos os criminosos são psicopatas e nem todos os psicopatas são criminosos (Sanz-García et al., 2021). A partir da definição de Cleckley, Karpman (1988) desenvolveu uma tipologia para os subtipos de indivíduos com traços acentuados de personalidade psicopática, entre psicopatas predominantemente primários (P1) e psicopatas predominantemente secundários (P2). Nos P1 as principais características interpessoais e afetivas desta estrutura de personalidade parecem ter uma forte carga constitucional, pelo que os indivíduos são caracterizados por traços impulsivos, agressivos, hostis, extrovertidos, são confiantes de si próprios e apresentam baixos níveis de ansiedade. Neste grupo encontram-se, predominantemente, pessoas narcisistas, histriónicas e antissociais, mas não necessariamente criminosas. Enquanto nos P2, ainda que se manifestem características similares aos P1, estas parecem resultar mais de experiências ambientais adversas, por exemplo rejeição e abuso dos pais, e não tanto de fatores constitucionais (Karpman, 1948). Os P2 são, normalmente, hostis, irresponsáveis, impulsivos, agressivos, socialmente ansiosos, isolados, evitativos, dependentes, desconfiados, mal-humorados e possuem baixa autoestima. São indivíduos cujos comportamentos antissociais são mais reativos do que instrumentais (Berg et al., 2013; Hare et al., 1990; Lee & Salekin, 2010). Face ao exposto, pode-se inferir que a P1 seja relativamente mais adaptativa do que a P2 (Saltoğlu & Uysal Irak, 2020); independentemente de primária ou secundária, a manifestação de traços psicopáticos é propensa a provocar danos na vida do próprio, nos seus pares e na sociedade.

Mais tarde, a conceção de psicopatia de Cleckley influenciou o trabalho de Robert Hare. Na literatura mais contemporânea, a psicopatia é caracterizada por uma combinação de traços de personalidade específicos definidos por características interpessoais (e.g., estilo interpessoal grandioso, arrogante e manipulador), afetivas (e.g., falta de empatia, culpa e remorso) e características comportamentais (e.g., estilo de vida irresponsável e impulsivo e violação de convenções sociais e morais; Hare, 2003; Neumann et al., 2007; Seara et al., 2019). Esta visão da psicopatia está associada ao instrumento de avaliação mais proeminente deste contexto, a saber, Psychopathy Checklist–Revised (PCL-R; Hare, 2003), que é considerado o “*gold standart*” da avaliação da psicopatia (Vitacco et al., 2005). Pesquisas revelaram que pontuações mais altas no PCL-R são capazes de prever a reincidência, ocorrência, frequência e gravidade da violência entre perpetradores de VRI (Cunha et al., 2021).

Uma crescente literatura científica concebe a psicopatia como uma variante mal adaptativa da personalidade (Babiak et al., 2019). A partir desta perspetiva dimensional, há um forte interesse em examinar a presença e a influência da psicopatia no quotidiano (Babiak & Hare, 2019; Dutton, 2011; Fritzson et al., 2020). Em resposta ao crescente interesse no estudo sobre a existência de traços psicopáticos entre populações não forenses (e.g., comunidade), uma série de medidas de autorrelato da psicopatia foram desenvolvidas. A existência de um número tão elevado de pessoas com psicopatia pode ser surpreendente e até preocupante, dados os danos sociais, económicos, físicos e psicológicos que os psicopatas supostamente produzem em muitas pessoas ao seu redor (Babiak & Hare, 2019; Hare, 2003).

Psicopatia e Violência nas Relações de Intimidade

A relação entre a psicopatia e a VRI é um tópico complexo e multifacetado. Como mencionado anteriormente, existem evidências que sugerem que a psicopatia está associada a um aumento do risco de cometer algum ato de violência no contexto da relação íntima (Costa & Babcock, 2008), tendo em conta a forte associação com comportamentos antissociais, impulsivos e violentos (Camp et al., 2013). Indivíduos com traços de psicopatia mais elevados apresentam desafios maiores na construção de relacionamentos interpessoais saudáveis e duradouros, o que pode culminar em comportamentos manipulativos e violentos no contexto de relações íntimas. Tal pode acontecer devido à dificuldade em demonstrar preocupação pelo bem-estar do parceiro, ter uma necessidade de controlo e procuram situações desafiadoras. A literatura tem demonstrado que quer os homens quer as mulheres podem ser perpetradores de VRI (Lussier et al., 2009; Straus, 2011), mas que, por um lado, os crimes mais graves de violência física são geralmente cometidos por homens (OMS, 2021). Por outro lado, as mulheres com psicopatia podem ser mais propensas a cometer VRI psicológica ou emocional, possivelmente agravados por traços psicopáticos (Cunha et al., 2021). Assim, os indivíduos que apresentam altos traços psicopáticos apresentam dificuldades em sentir empatia e apresentam comportamentos coercitivos, o que pode estar associado à maior probabilidade de cometer diversas formas de VRI (Bui & Pasalich, 2018).

Vários estudos exploraram a capacidade preditiva da psicopatia sob a violência por parceiro íntimo e os resultados demonstraram que essa capacidade pode variar dependendo do tipo de violência (e.g., Bates et al., 2016; Brassard et al., 2018; Fox et al., 2022; Shaffer et al., 2021). Por um lado, uma revisão realizada por Robertson e colaboradores (2020) demonstrou a existência de correlações positivas entre a psicopatia e a violência física (correlações entre .10 e .33) e a violência psicológica (correlações

entre .12 e .47). Por outro lado, Blais e colaboradores (2014) realizaram uma revisão de 53 estudos nos quais se concluiu que a psicopatia está associada quer com violência do tipo instrumental, quer com violência reativa. As pontuações altas no Fator 1 estão associadas ao uso de violência instrumental/premeditada. De facto, características como manipulação e falta de remorso podem aumentar a probabilidade de os indivíduos praticarem atos de violência mais planeados e direcionados a um objetivo específico. Já indivíduos com pontuações altas no Fator 2 podem reagir de maneira violenta a determinadas situações devido à falta de estratégias alternativas de resolução de conflitos, juntamente com traços como falta de autocontrolo, impulsividade e comportamento antissocial, o que pode resultar em episódios de violência reativa.

Analisando por facetas, pesquisas demonstraram uma associação entre a faceta interpessoal e afetiva e a violência instrumental/premeditada (e.g., Flight & Forth, 2007; Walsh et al., 2009), corroborando os resultados anteriormente apresentados. Transpondo para o fenómeno da VRI, os agressores com pontuações mais altas na faceta afetiva também podem usar níveis mais elevados de violência contra seus parceiros íntimos parceiro de forma instrumental/premeditada, ou seja, por forma a exercer poder e controlo sobre o mesmo e como forma de manipulação. Pelo contrário, resultados demonstraram que as facetas estilo de vida e comportamento antissocial não predizem significativamente a frequência de VRI, pelo que os perpetradores de VRI tendiam a apresentar pontuações mais elevadas nos aspetos afetivos. Portanto, a VRI é mais facilmente explicada pela premeditação em vez da impulsividade (Chase et al., 2001; Pozueco et al., 2013). No entanto, poucos estudos foram conduzidos por forma a provar que a premeditação favorece a relação entre a existência de uma personalidade psicopática e a prática de atos violentos na relação de intimidade.

Face ao exposto, existe a necessidade de se perceber os fatores que contribuem

para a perpetração da VRI, em específico perceber qual a raiz dos comportamentos problemáticos e do desajuste psicológico deste fenómeno, recaindo-se na psicopatia (Cunha et al., 2020; Spidel et al., 2007). Desta feita, o objetivo do presente estudo passa por perceber a relação entre a psicopatia e a perpetração de VRI e como a premeditação pode afetar esta relação. As hipóteses definidas para este estudo são: (a) a existência de uma associação positiva entre psicopatia, premeditação e violência nas relações de intimidade; e (b) premeditação como fator mediador/moderador da relação entre a psicopatia e a VRI.

Metodologia

Participantes

Para o presente estudo, recorreu-se a uma amostra previamente recolhida no âmbito do estudo que assenta nas características e fatores associados à VRI. A amostra é constituída por adultos com idade igual ou superior a 18 anos, de nacionalidade portuguesa ou com compreensão escrita e falada de português. Uma vez que a dimensão da amostra era significativamente desproporcional, para poder comparar perpetradores e não perpetradores de VRI foi utilizado o método *Propensity Score Matching*, que permite selecionar aleatoriamente um número equivalente de indivíduos que relataram ter realizado algum comportamento de VRI. Desta forma, a amostra total do presente estudo é composta por 342 participantes ($n = 270$ mulheres), com idades compreendidas entre os 18 e os 73 anos ($M = 25.30$, $DP = 8.24$), dos quais 96% tem nacionalidade portuguesa, enquanto 12 (3.5%) têm outra nacionalidade. Aqueles que perpetuam violência nas relações de intimidade apresentam uma idade média ligeiramente superior, com uma média de 26.27 anos. A maioria dos participantes apresenta-se como solteiro quanto ao seu estado civil ($n = 291$; 85.1%) e cerca de 55.6% ($n = 190$) relataram estar, atualmente,

num relacionamento amoroso. Dos 342 participantes avaliados, cerca de 171 reportam ter desenvolvido algum comportamento de agressão dirigido ao/a seu/sua companheiro(a).

A tabela 1 apresenta as principais características sociodemográficas dos participantes incluídos na presente amostra.

Tabela 1

Caracterização sociodemográfica dos participantes incluídos no estudo

	VRI Perpretação		
	Total (<i>n</i> = 342) <i>n/M (DP)</i>	Sim (<i>n</i> = 171) <i>n/M (DP)</i>	Não (<i>n</i> = 171) <i>n/M (DP)</i>
Sexo			
Masculino	72	34	38
Feminino	270	137	133
Idade	25.30 (8.52)	26.27 (9.32)	24.34 (6.90)
Nacionalidade			
Portuguesa	330	163	167
Outra	12	8	4
Estado Civil			
Solteiro(a)	291	135	156
Casado(a)/União de Facto	44	32	12
Divorciado(a)/Separado(a)	7	4	3
Viúvo(a)	0	0	0
Relacionamento Amoroso			
Sim	190	114	76
Não	152	57	95

Nota. outras informações sociodemográficas encontradas no anexo I; VRI = Violência na

Relação de Intimidade

Instrumentos

Considerando-se as variáveis a investigar, selecionaram-se os seguintes instrumentos:

O Questionário Sociodemográfico visa recolher a informação relevante sobre os participantes, tal como o sexo, orientação sexual, idade, nacionalidade, estado civil/situação conjugal, relacionamento amoroso, habilitações académicas, situação profissional, filhos, antecedentes psiquiátricos, consumo de álcool e abuso de substâncias.

O *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory* (CADRI; Wolfe et al., 2001) diz respeito a um inventário de autorrelato que avalia a manifestação de comportamentos violentos durante uma relação de intimidade e tem a capacidade de identificar a presença de comportamentos não violentos. Este instrumento é constituído por duas escalas: a escala de estratégias negativas de resolução de conflitos e a escala de estratégias positivas de resolução de conflitos. A primeira escala é constituída por 36 itens bidirecionais (avalia a vertente de agressor e vítima) que avaliam a presença, a frequência e o tipo de comportamento violento que podem ocorrer através da perpetração ou da vitimização. Esta escala é subdividida em cinco subescalas, nomeadamente, violência física, sexual, verbal-emocional, relacional-psicológica e *ciber* violência. Já a escala de estratégias positivas de resolução de conflitos, é constituída por 10 itens que avaliam o recurso a estratégias positivas de resolução de conflitos, durante um relacionamento de intimidade (Lucas et al., 2017). Na presente amostra foi aplicada uma versão portuguesa adaptada do CADRI, que se encontra em curso o estudo de propriedades psicométricas. Para a amostra do estudo, foi calculada a fiabilidade do instrumento que resultou num alfa de *Cronbach* de .60.

O *Self-Report Psychopathy Scale* (SRPS-SF; Paulhus et al., 2016, versão portuguesa de Seara-Cardoso et al., 2018), é um instrumento de autorrelato constituído

por 29 itens. Esta escala avalia quatro dimensões da psicopatia, a saber, a) subescala interpessoal, que avalia as características dissociais encobertas, como a mentira e a manipulação (e.g., “*Eu divirto-me a ‘enganar’ alguém*”); b) subescala afetiva, que avalia os aspetos afetivos da psicopatia, como a empatia comprometida e a falta de culpa e de preocupação com os outros (e.g., “*Eu nunca me sinto culpado por magoar os outros*”); c) estilo de vida que avalia a impulsividade e imprudência dos comportamentos (e.g., “*Eu continuo a meter-me em problemas pelas mesmas coisas de novo e de novo*”); e d) a subescala antissocial, que avalia os comportamentos antissociais evidentes (e.g., “*Eu ameacei pessoas a darem-me dinheiro, roupas ou maquilhagem*”). Todas as subescalas, com exceção da subescala antissocial, são avaliadas numa escala de tipo *Likert* de cinco pontos, variando de 1 (= “*Discordo fortemente*”) e 5 (= “*Concordo fortemente*”). Para a amostra do estudo, foi calculada a fiabilidade da escala total do instrumento que resultou num bom alfa de *Cronbach* (.82), o que significa que o instrumento apresenta uma boa consistência interna. Para além da escala total, foram calculadas também as subescalas apresentando o seguinte alfa de *Cronbach*: afetivo (.62); interpessoal (.71); estilo de vida (.59); e antissocial (.05).

A *Impulsive-Premeditated Aggression Scale* (IPAS; Standford et al., 2003) aplicado na versão portuguesa (Azevedo et al., 2018), é um questionário de autorrelato constituído por 30 itens, permite classificar os comportamentos agressivos. Os itens são avaliados numa escala de tipo *Likert* de cinco pontos que varia entre 1 (= “*Discordo totalmente*”) e 5 (= “*Concordo totalmente*”). Esta escala é constituída por duas subescalas, agressão impulsiva, constituída por oito itens e agressão premeditada, constituída por 12 itens. Para a amostra do estudo, a subescala da premeditação foi calculada para ver a fiabilidade do instrumento, resultando num bom alfa de *Cronbach* (.81).

Procedimento

Como mencionado anteriormente, este estudo insere-se num projeto de investigação sobre as características e fatores associados à VRI, tendo seguido as orientações éticas presentes na Declaração de Helsínquia e aprovado pela Comissão de Ética da Escola de Psicologia e de Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa. Os dados foram recolhidos na plataforma *Qualtrics*, com divulgação através de redes sociais, e-mails e contactos informais com amigos e conhecidos das investigadoras e alunos envolvidos no projeto de investigação. Antes de completarem o protocolo de avaliação constituído pelos instrumentos anteriormente mencionados, os participantes preencheram uma declaração de consentimento informado, no qual constavam informações acerca dos objetivos, benefícios e riscos do estudo, a garantia de anonimato e a disponibilização de contactos para esclarecimentos de dúvidas, caso necessário. Os participantes foram ainda informados acerca da liberdade de desistência ou recusa à resposta sem a existência de riscos envolvidos. Toda a informação recolhida foi guardada em formato digital, com acesso exclusivo aos principais investigadores, sem recurso a qualquer informação que permita a identificação do participante.

Análise de Dados

O plano de análise de dados é elaborado tendo em conta os objetivos e hipóteses desenhadas para o estudo. Todas as análises estatísticas foram realizadas com recurso ao *Statistical Package for the Social Science* (SPSS), versão 27. Os pressupostos da homogeneidade e normalidade dos dados foram testados através do teste de *Levene* e *Shapiro-Wilk*, respetivamente. O presente estudo fez recurso a um desenho metodológico do tipo transversal. Não foram encontrados dados em falta (*missing data*). Primeiramente,

foi utilizado o método *Propensity Score Matching*, que permite selecionar aleatoriamente um número equivalente de indivíduos que relataram ter realizado algum comportamento de VRI. Este método permitiu obter uma amostra equivalente quanto aos grupos de perpetradores e não perpetradores de VRI. Para explorar as diferenças entre perpetradores e não perpetradores de VRI, foram realizados testes *t* para amostras independentes para identificar as diferenças significativas existentes entre os grupos relativamente às medidas de psicopatia e premeditação, calculando o tamanho de efeito (*d* de Cohen) para cada uma delas. O *r* de Pearson e de Spearman foram calculados para verificar as correlações existentes entre as medidas anteriormente mencionadas e a perpetração da VRI. Especificamente, o *r* de Pearson foi calculado para testar se as medidas estudadas da psicopatia e premeditação estavam correlacionadas, onde 0 indica nenhuma correlação e +1/-1 indica uma correlação perfeita. A magnitude do efeito *d* de Pearson foi considerada $r = .10$ como efeito pequeno, $r = .30$ como efeito médio e $r = .50$ como efeito grande (Field, 2018). Em relação às correlações entre as medidas da psicopatia e premeditação com a perpetração de VRI foi calculado o *r* de Spearman, uma vez que a medida de VRI é considerado uma variável dicotômica, com respostas categorizadas como "sim" ou "não". O *r* de Pearson e o *r* de Spearman foram calculados para compreender a relação entre as variáveis e ajudar a escolher a melhor abordagem para as análises subsequentes. A partir dos resultados obtidos das correlações, foram analisados os efeitos de mediação, considerando-se a perpetração de VRI a variável de resultado, as medidas de psicopatia, nomeadamente a psicopatia total e a faceta estilo de vida, como variáveis independentes e a premeditação como variável mediadora. Estas análises foram realizadas com recurso ao PROCESS do SPSS (Modelo 4; Hayes, 2018). Os intervalos de confiança *bootstrap* (ICs) são utilizados para determinar a significância dos efeitos no Modelo 4, com base em 5000 amostras aleatórias (Hayes, 2018). Um efeito é considerado

significativo quando os ICs não englobam o valor zero. Uma das vantagens do método *bootstrap* é que ele não requer a suposição de distribuição normal, proporcionando assim um teste mais poderoso em comparação aos métodos tradicionais baseados em fórmulas com a suposição de normalidade (Hayes, 2018).

Resultados

Análises Descritivas

A amostra total do estudo é composta por 342 participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 73 anos ($M = 25.30$, $DP = 8.24$), maioritariamente composta por mulheres ($n = 270$ mulheres). Dos 342 participantes avaliados, cerca de 171 reportam ter desenvolvido algum comportamento de agressão dirigido ao/a seu/sua companheiro(a).

Resultados preliminares

Variância dos Traços Psicopáticos e da Premeditação na VRI

Foi efetuado um teste t para amostras independentes por forma a verificar a possível existência de diferenças nas medidas utilizadas para avaliar a psicopatia e a premeditação entre os participantes perpetradores e não perpetradores de VRI (ver Tabela 2). Foi possível verificar que existem diferenças significativas nas pontuações totais da medida de psicopatia e na faceta estilo de vida, assim como na medida de premeditação, com pontuações mais elevadas a serem verificadas nos perpetradores de VRI em comparação com os não perpetradores (todas $p < .05$; ver tabela 2).

Tabela 2

Diferenças de grupo nas medidas de psicopatia e premeditação entre os perpetradores e não perpetradores de VRI

	VRI Perpretação		IC 95%	<i>t</i>	<i>p</i>	d de Cohen
	Sim	Não				
	(<i>n</i> = 171) <i>M</i> (<i>DP</i>)	(<i>n</i> = 171) <i>M</i> (<i>DP</i>)				
Psicopatia						
Total	77.17 (10.77)	74.28 (10.20)	[-5.12, -0.66]	-2.55	.01	.28
Faceta afetiva	18.36 (3.53)	17.80 (3.39)	[-1.29, 0.18]	-1.48	.14	.16
Faceta interpessoal	18.91 (4.16)	18.21 (4.13)	[-1.58, -0.19]	-1.55	.06	.17
Faceta estilo de vida	20.53 (3.92)	19.30 (3.81)	[-2.06, -0.41]	-2.95	.002	.32
Premeditação	30.76 (6.83)	29.50 (6.79)	[-2.71, -0.19]	-1.71	.04	.19

Nota. DP = Desvio-Padrão; M = Média; VRI = Violência nas Relações de Intimidade;

Associações entre as Medidas de Psicopatia e Premeditação

A tabela 2 apresenta as correlações *r* de *Pearson* e *Sperman* calculadas entre as medidas de VRI, psicopatia e premeditação, assim como as respetivas as médias e desvios-padrão. Verifica-se que a perpetração de VRI encontra-se positivamente associada com a medida de psicopatia total ($p < .01$), faceta estilo de vida da psicopatia ($p < .01$) e medida de premeditação ($p < .05$). Todas as restantes medidas, nomeadamente psicopatia e premeditação, encontram-se correlacionadas positivamente entre si ($p < .05$ e $p < .01$).

Tabela 2

Associação entre as medidas de VRI, Psicopatia e Premeditação

	1	2	3	4	5	6
^a 1. VRI Perpetração	--					
2. Psicopatia Total	.14**	--				
3. Psicopatia afetiva	.08	.84**	--			
4. Psicopatia interpessoal	.10	.87*	.65**	--		
5. Psicopatia estilo de vida	.16**	.81**	.56**	.60**	--	
6. Premeditação	.11*	.30**	.29**	.29**	.21**	--
<i>M</i>	--	75.73	18.08	18.56	19.91	30.13
<i>DP</i>	--	10.58	3.47	4.16	3.91	6.83

Nota. $N = 342$; * $p < .05$, ** $p < .01$

^aCategoria com recurso a *r* de Spearman

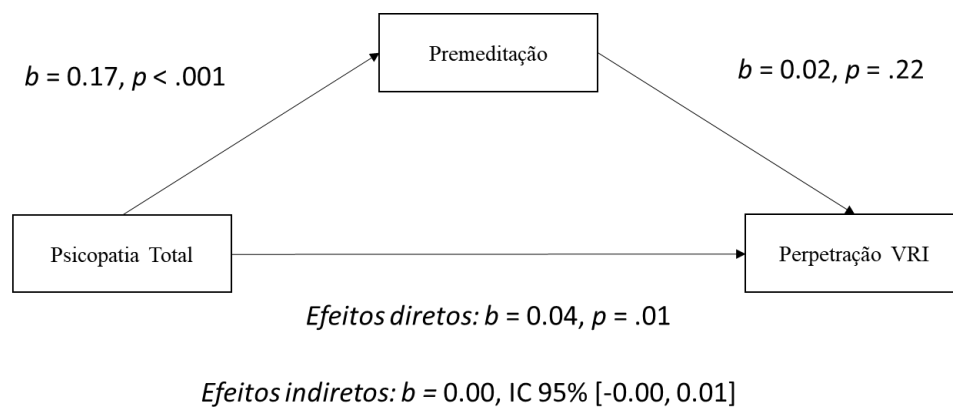
Análises de Mediação

As medidas de psicopatia, nomeadamente, psicopatia total e faceta estilo de vida, foram selecionadas como variáveis independentes, tendo como variável dependente a perpetração de VRI e como variável mediadora a medida de premeditação. Os efeitos indiretos estimados demonstram que, apesar da psicopatia total, $b = 0.03$, IC 95% [0.01, 0.06], $t = 2.52$, $p = .012$, e a faceta estilo de vida, $b = 0.09$, IC 95% [0.03, 0.17], $t = 2.80$, $p = .005$, se revelarem preditores significativos da perpetração da VRI, a medida de premeditação não atuou como um mediador significativo da relação entre a psicopatia total ($b = 0.00$, IC 95% [-0.00, 0.01]) e faceta estilo de vida ($b = 0.01$, IC 95% [-0.01, 0.03]) e a perpetração da VRI. Os resultados das análises de mediação são apresentados na figura 1 e 2.

Figura 1

Mediação Estatística da Associação entre Psicopatia Total e a Perpetração de VRI

Mediada pela Premeditação

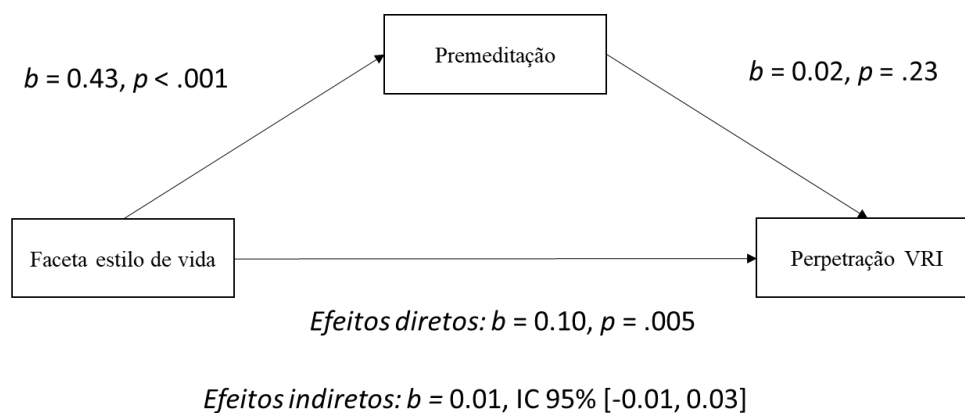


Nota. IC = intervalo de confiança

Figura 2

Mediação Estatística da Associação entre a Faceta Estilo de Vida da Psicopatia e a

Perpetração de VRI Mediada pela Premeditação



Nota. IC = intervalo de confiança

Discussão

A violência nas relações de intimidade (VRI) é extremamente comum nas relações românticas (Black et al. 2011). Dadas as elevadas taxas de VRI e, consequentemente, os resultados adversos associados à sua ocorrência, torna-se necessário o desenvolvimento de investigação adicional sobre vias etiológicas da VRI. Isto é particularmente importante por forma a desenvolver esforço de prevenção mais direcionadas as necessidades interventivas junto dos perpetradores (Novak & Furman, 2016). Ainda que dos indivíduos que cometem atos de VRI não apresentem taxas elevadas de psicopatia, existem evidências que sugerem que a psicopatia está associada a um maior risco de perpetração de violência no contexto da relação íntima (Costa & Babcock, 2008). Desta feita, o principal objetivo do presente estudo debruçou-se na compreensão acerca da relação entre a psicopatia e a perpetração de VRI. Uma vez que, apesar de a premeditação estar intrinsecamente associada aos atos de agressão previamente planeados e direcionados a um objetivo, nem todos os casos de VRI envolvem premeditação. Por isso, foi também objetivo deste estudo perceber os efeitos da premeditação na relação entre a psicopatia e a perpetração de VRI. Para dar resposta ao objetivo delineado, foi desenvolvido um estudo transversal com recurso a uma amostra da comunidade.

Os resultados obtidos através das análises preliminares e, posteriormente, suportados pelas análises de associação, demonstram que a psicopatia (total) se encontra associada à perpetração de VRI, verificando-se que os perpetradores de VRI apresentam significativamente níveis mais altos de psicopatia comparativamente com os indivíduos que não cometeram qualquer ato de violência contra o parceiro íntimo. Os resultados obtidos estão em linha com os de outros estudos que investigaram a ligação entre a psicopatia e diversos tipos de VRI (e.g., Babcock & Michonski, 2019; Bates et al., 2016; Barbary et al., 2018; Brassard et al., 2022; Bui & Pasalich, 2021; Carter & Egan, 2022;

Cunha et al., 2021; Fox et al., 2022; Hoffmann & Verona, 2021; Iyican & Babcock, 2017; March et al., 2020; Plouffe et al., 2022; Tetreault et al., 2018) e salientam a importância dos traços de psicopatia para a identificação de perpetradores de VRI. A relação entre a psicopatia e a VRI pode estar associada à perda de controlo (conforme observado por Bates et al., 2017, e Hayes & van Baak, 2018), à redução da resposta fisiológica ao medo (conforme indicado por Babcock et al., 2005, e Benning et al., 2005), ou à ausência de empatia pelo sofrimento emocional do parceiro, o que pode facilitar, ou pelo menos não inibir, a prática de VRI (conforme discutido por Campos et al., 2022). Considerando os resultados de uma forma global, estes são consistentes com a literatura que demonstra que os indivíduos com características psicopáticas são mais propensos a envolverem-se em atos violentos dirigidos aos seus parceiros (Grann & Wedin, 2002; Mager et al., 2014). Além disso, cerca de 15% a 30% dos perpetradores de VRI apresentam características psicopáticas clinicamente significativas (Huss & Langhinrichsen-Rohling, 2000).

Quando analisadas as facetas da psicopatia, os resultados apontam que apenas a subescala estilo de vida se encontra associada à perpetração de VRI. Este resultado vai de encontro ao esperado, uma vez que seria expectável que maiores défices afetivos estivessem associados à ocorrência de atos de violência contra o parceiro íntimo, tal como verificado na literatura (e.g., Cunha et al., 2018; Hall et al., 2004; Skeem et al., 2003). O que o presente estudo revela é que, além das facetas antissociais da psicopatia estarem associadas à violência geral (e.g., Kennealy et al., 2010), parecem também explicar a ocorrência de VRI. Este resultado demonstra que os atos de VRI podem ser motivados por características de irresponsabilidade, impulsividade e baixo controlo comportamental, tal como suportado pelo estudo de Theobald e colaboradores (2015), também realizado junto de perpetradores da comunidade.

Os resultados anteriores são já indicadores do possível resultado a obter quando estudado o efeito da premeditação na perpetração da VRI. Isto é, apesar da literatura suportar que os agressores psicopatas podem ser caracterizados por maior premeditação (Swogger et al., 2007), e a impulsividade poder não ser tão importante para compreender as diferenças individuais na VRI, tal como acontece no comportamento violento em geral (Cunha et al., 2018), os resultados da análise de mediação demonstram que a relação entre a psicopatia e a perpetração de VRI não é explicada pela premeditação, sendo necessário ter em conta outros fatores.

Os resultados do presente estudo devem ser interpretados à luz de algumas limitações.

É de notar que o presente estudo é de carácter transversal, o que não permite retirar conclusões acerca do papel da psicopatia como preditor da VRI, sendo necessárias análises longitudinais para compreender melhor esta relação causa-efeito. Além disso, é necessário atender à metodologia utilizada. Isto é, o estudo foi conduzido com recurso a uma amostra da comunidade e as variáveis foram avaliadas através de medidas de autorrelato. A literatura sugere que os relatos dos perpetradores são comumente afetados pela desejabilidade social (Dutton & Hemphill, 1992) e estes tendem a minimizar os seus comportamentos abusivos (Henning et al., 2005). No entanto, a natureza anónima deste estudo pode ter ajudado a melhorar os efeitos associados a enviesamentos de resposta. Não obstante a este facto, investigações futuras poderiam incluir relatórios de informadores (e.g., de parceiros) para reforçar a validade das informações autorrelatadas e reduzir a variância do método partilhado. Além disso, embora os questionários de autorrelato facilitem o acesso a informações mais privadas, estas são limitadas por riscos mais elevados de enviesamento da memória, bem como enviesamentos de introspeção e fadiga. Ademais, as consistências internas fracas em algumas variáveis da amostra são

uma preocupação, porque estas reduzem a qualidade dos dados e atenuam os verdadeiros efeitos. O facto de algumas das subescalas apresentarem consistências internas mais baixas pode estar relacionado com um problema de compreensão dos itens (Burghart et al., 2023).

Em terceiro lugar, pode ser vista como uma limitação o facto da amostra ser constituída maioritariamente por mulheres. Uma amostra diversificada permite a comparação entre grupos, sendo que avaliando agressores seria importante haver uma amostra mais equilibrada. Pesquisas sugerem que diferenças étnicas e de género são significativas tanto na VRI como na psicopatia (e.g., Field & Caetano, 2004; Nicholls et al., 2005; Skeem et al., 2004).

Apesar das limitações descritas, os resultados do presente estudo suportam a relação entre a psicopatia e a VRI, sendo um importante tópico a ter em conta aquando do desenvolvimento de programas de intervenção. Uma vez que os indivíduos com níveis elevados de psicopatia têm sido geralmente considerados resistentes à intervenção psicológica (e.g., Juodis et al., 2014), torna-se importante que futuras intervenções atendam às características da personalidade psicopática por forma a obter uma melhor resposta na redução de reincidência.

Referências Bibliográficas

- Allen, J. J., & Anderson, C. A. (2017). Aggression and violence: Definitions and distinctions. *The Wiley handbook of violence and aggression*, 1-14.
- Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia. (2015). Fundamental rights: Challenges and achievements in 2014. <https://www.acm.gov.pt/-/relatorio-anual-de-2014-da-agencia-dos-direitos-fundamentais-da-uniao-europeia-fra->
- Azevedo, J. C., Pais-Ribeiro, J. L., Coelho, R., & Figueiredo-Braga, M. (2018). Validation of the Portuguese version of Impulsive–Premeditated Aggression Scale in an inmate population. *Frontiers in psychiatry*, 9, 10.
- Azevedo, J., Vieira-Coelho, M., Castelo-Branco, M., Coelho, R., & Figueiredo-Braga, M. (2020). Impulsive and premeditated aggression in male offenders with antisocial personality disorder. *Plos one*, 15(3), e0229876.
- Babcock, J. C., Canady, B. E., Senior, A., & Eckhardt, C. I. (2005). Applying the transtheoretical model to female and male perpetrators of intimate partner violence: Gender differences in stages and processes of change. *Violence and victims*, 20(2), 235-250.
- Babcock, J., & Michonski, J. (2019). Sensitivity to facial affect in partner-violent men: The role of psychopathic and borderline traits. *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research*, 11(3), 213–224. <https://doi.org/10.1108/JACPR-12-2018-0396>
- Babiak, P., & Hare, R. D. (2019). *Snakes in Suits: Understanding and Surviving the Psychopaths in Your Office*. HarperCollins.

- Bates, E. A., Archer, J., & Graham-Kevan, N. (2016). Do the same risk and protective factors influence aggression toward partners and same-sex others? *Aggressive Behavior*, 43(2), 163–175. <https://doi.org/10.1002/ab.21672>
- Benning, S. D., Patrick, C. J., Hicks, B. M., Blonigen, D. M., & Krueger, R. F. (2003). Factor structure of the psychopathic personality inventory: Validity and implications for clinical assessment. *Psychological Assessment*, 15(3), 340-350. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.15.3.340>
- Berbary, C. M., Crane, C. A., & Easton, C. J. (2018). Typology of substance using offenders of IPV: violence and substance use outcomes. *Advances in Dual Diagnosis*, 11(4), 157–168.
- Berg, J. M., Smith, S. F., Watts, A. L., Ammirati, R., Green, S. E., & Lilienfeld, S. O. (2013). Misconceptions regarding psychopathic personality: implications for clinical practice and research. *Neuropsychiatry*, 3(1), 63–74. <https://doi.org/10.2217/npv.12.69>
- Black, M. C. (2011). Intimate partner violence and adverse health consequences. *American Journal of Lifestyle Medicine*, 5(5), 428–439. <https://doi.org/10.1177/1559827611410265>
- Blais, J., Solodukhin, E., & Forth, A. E. (2014). A meta-analysis exploring the relationship between psychopathy and instrumental versus reactive violence. *Criminal Justice and Behavior*, 41, 797-821. <https://doi.org/10.1177/0093854813519629>

Bowen, E. (2011). An overview of partner violence risk assessment and the potential role of female victim risk appraisals. *Aggression and Violent Behavior*, 16(3), 214–226.

<https://doi.org/10.1016/j.avb.2011.02.007>

Brassard, A., Gagnon, C., Claing, A., Dugal, C., Savard, C., & Katherin, P. (2018). Can romantic attachment and psychopathy concomitantly explain the forms and severity of perpetrated intimate partner violence in men seeking treatment? *Partner Abuse*,

13(1). <https://doi.org/10.1891/PA-2021-0008>

Brazil, I. A., Atanassova, D. V., & Oosterman, J. M. (2022). Own pain distress mediates the link between the lifestyle facet of psychopathy and estimates of pain distress in others. *Frontiers in Behavioral Neuroscience*, 16, 824697.

<https://doi.org/10.3389/fnbeh.2022.824697>

Brislin, S. J., Buchman-Schmitt, J. M., Joiner, T. E., & Patrick, C. J. (2016). “Do unto others”? Distinct psychopathy facets predict reduced perception and tolerance of pain. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 7(3), 240.

<https://doi.org/10.1037/per0000180>

Bui, N. H., & Pasalich, D. S. (2021). Insecure attachment, maladaptive personality traits, and the perpetration of in-person and cyber psychological abuse. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(5–6), 2117–2139.

<https://doi.org/10.1177/0886260518760332>

Burghart, M., Sahm, A. H. J., Schmidt, S., Bulla, J., & Mier, D. (2023). Understanding Empathy Deficits and Emotion Dysregulation in Psychopathy: The Mediating Role of Alexithymia

- Button, D. M., & Miller, S. L. (2013). Teen Dating Relationships and Outcomes of Well-Being: Examining Gender Differences in Nonviolent and Violent Dating Relationships. *Women & Criminal Justice*, 23(3), 247–265. <https://doi.org/10.1080/08974454.2013.806839>
- Camp, J. P., Skeem, J. L., Barchard, K., Lilienfeld, S. O., & Poythress, N. G. (2013). Psychopathic predators? Getting specific about the relation between psychopathy and violence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 81(3), 467–480. <https://doi.org/10.1037/a003134>
- Campos, C., Pasion, R., Azeredo, A., Ramião, E., Mazer, P., Macedo, I., & Barbosa, F. (2022). Refining the link between psychopathy, antisocial behavior, and empathy: A meta-analytical approach across different conceptual frameworks. *Clinical Psychology Review*, 94, 102145. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2022.102145>
- Caridade, S. (2011). *Vivências amorosas violentas: Uma abordagem científica*. Almedina.
- Carter, L. J., & Egan, V. (2022). The Dark Tetrad, intimate partner violence and the mediating role of moral disengagement. *Violence and Victims*, 37(3), 326-347. <https://doi.org/10.1891/VV-D-20-00171>
- Chase, K. A., O’Leary, K. D., & Heyman, R. E. (2001). Categorizing partner-violent men within the reactive-proactive typology model. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 69, 567-572. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.69.3.567>
- Cleckley, H. (1988). *The mask of sanity* (5th edition). Maryland Heights MO: Mosby.
- Connolly, J., Nocentini, A., Menesini, E., Pepler, D., Craig, W., & Williams, T. S. (2010). Adolescent dating aggression in Canada and Italy: A cross-national comparison.

International Journal of Behavioral Development, 34(2), 98–105.

<https://doi.org/10.1177/0165025409360291>

Cooke, D. J., Hart, S. D., Logan, C., & Michie, C. (2012). Explicating the construct of psychopathy: Development and validation of a conceptual model, the Comprehensive Assessment of Psychopathic Personality (CAPP). *International Journal of Forensic Mental Health*, 11(4), 242– 252.

<https://doi.org/10.1080/14999013.2012.746759>

Corvo, K. & deLara, E. (2010). Towards an integrated theory of relational violence: Is bullying a risk factor for domestic violence? *Aggression and Violent Behavior*, 15, 181–190.

Costa, D. M., & Babcock, J. C. (2008). Articulated thoughts of intimate partner abusive men during anger arousal: Correlates with Personality Disorder Features. *Journal of Family Violence*, 23(6), 395–402. <https://doi.org/10.1007/s10896-008-9163-x>

Cunha, O., Braga, T., & Gonçalves, R. A. (2021). Psychopathy and intimate partner violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(3-4), NP1720-1738NP. <https://doi.org/10.1177/0886260518754870>

Cunha, O., Pinheiro, M., & Gonçalves, R. A. (2021). Intimate partner violence, psychopathy, and recidivism: Do psychopathic traits differentiate first-time offenders from repeated offenders?. *Victims & Offenders*, 17(2), 199-218. <https://www.tandfonline.com/loi/uvao20>

de Matos, M. A. V. (2006). *Violência nas relações de intimidade: Estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher*. [Tese de Doutoramento]. Universidade do Minho (Portugal).

- Dutton, D. (2011). Attachment and violence: An anger born in fear. In P. R. Shaver & M. Mikulincer (Eds.), *Human aggression and violence: Causes, manifestations, and consequences*. American Psychological Association.
- Dutton, D. G., & Hemphill, K. J. (1992). Patterns of socially desirable responding among perpetrators and victims of wife assault. *Violence and Victims*, 7, 29-39.
- Fang, X., & Corso, P. S. (2007). Child maltreatment, youth violence, and intimate partner violence: Developmental relationships. *American Journal of Preventive medicine*, 33(4), 281–290.
- Flight, J. I., & Forth, A. E. (2007). Instrumentally violent youths: The roles of psychopathic traits, empathy, and attachment. *Criminal Justice and Behavior*, 34, 739-751. <https://doi.org/10.1177/0093854807299462>
- Fox, J. M., Reilly, J. L., Kosson, D. S., Brown, A., Hanlon, R. E., & Brook, M. (2020). Differentiating perpetrators of intimate partner violence from other violent offenders using a statistical learning model: the role of cognition and life history variables. *Journal of Interpersonal Violence*, 088626052091856. <https://doi.org/10.1177/0886260520918567>
- Fritzon, K., Brooks, N., and Croom, S., (2020). *Corporate Psychopathy: Investigating Destructive Personalities in the Workplace*. Springer Nature.
- Grann, M., & Wedin, I. (2002). Risk factors for recidivism among spousal assault and spousal homicide offenders. *Psychology, Crime and Law*, 8, 5-23. <https://doi.org/10.1080/10683160208401806>

- Hall, J. R., Benning, S. D., & Patrick, C. J. (2004). Criterion-related validity of the three-factor model of psychopathy: Personality, behavior, and adaptive functioning. *Assessment*, 11, 4-16. <https://doi.org/10.1177/1073191103261466>
- Hare, R. D. (2003). *The Hare Psychopathy Checklist-Revised* (2nd ed.). Multi-Health Systems
- Hare, R. D., Harpur, T. J., Hakstian, A. R., Forth, A. E., Hart, S. D., & Newman, J. P. (1990). The revised Psychopathy Checklist: Reliability and factor structure. *Psychological Assessment: A Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 2(3), 338–341. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.2.3.338>
- Hayes, B. E., & van Baak, C. (2023). Intimate partner violence and age at marriage in Mali: The moderating influence of polygynous unions. *Violence against women*, 29(6-7), 1319-1342. <https://doi.org/10.1177/10778012221108418>
- Henning, K., Jones, A. R., & Holdford, R. (2005). “I didn’t do it, but if I did I had a good reason”: Minimization, denial, and attributions of blame among male and female domestic violence offenders. *Journal of Family Violence*, 20, 131-139. <https://doi.org/10.1007/s10896-005-3647-8>
- Hoffmann, A. M., & Verona, E. (2021). Psychopathic traits and sexual coercion against relationship partners in men and women. *Journal of interpersonal violence*, 36(3-4), NP1788-1809NP. <https://doi.org/10.1177/0886260518754873>
- Huss, M. T., & Langhinrichsen-Rohling, J. (2006). Assessing the generalization of psychopathy in a clinical sample of domestic violence perpetrators. *Law and Human Behavior*, 30, 571-586. <https://doi.org/10.1007/s10979-006-9052-x>

- Ismail, F., Berman, H., & Ward-Griffin, C. (2007). Dating Violence and the Health of Young Women: A Feminist Narrative Study. *Health Care for Women International*, 28(5), 453–477. <https://doi.org/10.1080/07399330701226438>
- Iyican, S., & Babcock, J. C. (2018). The relation between the two factors of psychopathy and intimate partner aggression. *Journal of aggression, maltreatment & trauma*, 27(2), 119-130. <https://doi.org/10.1080/10926771.2017.1334020>
- Juodis M, Starzomski A, Porter S, & Woodworth M (2014). What can be done about high-risk perpetrators of domestic violence?. *Journal of Family Violence*, 29(4), 381–390.
- Karpman, B. (1948). The myth of the psychopathic personality. *The American Journal of Psychiatry*, 104, 523–534
- Kennealy, P. J., Skeem, J. L., Walters, G. D., & Camp, J. (2010). Do core interpersonal and affective traits of PCL-R psychopathy interact with antisocial behavior and disinhibition to predict violence? *Psychological Assessment*, 22, 569-580. <https://doi.org/10.1037/a0019618>
- Lake, S. L., & Stanford, M. S. (2011). Comparison of impulsive and premeditated female perpetrators of intimate partner violence. *Partner Abuse*, 2(3), 284-299.
- Lee, Z., & Salekin, R. T. (2010). Psychopathy in a noninstitutional sample: Differences in primary and secondary subtypes. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 1(3), 153–169. <https://doi.org/10.1037/a0019269>
- Leistico, A. M. R., Salekin, R. T., DeCoster, J., & Rogers, R. (2008). A large-scale meta-analysis relating the Hare measures of psychopathy to antisocial conduct. *Law and human behavior*, 32, 28-45.

- Long, K., Felton, J. W., Lilienfeld, S. O., & Lejuez, C. W. (2014). The role of emotion regulation in the relations between psychopathy factors and impulsive and premeditated aggression. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 5(4), 390.
- Lucas, S., Pinheiro, M. R., & Simões, M.R. (2017). Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro de Adolescentes (CADRI-P). In M. Gonçalves, M. R. Simões, & L. Almeida (Org.), *Psicologia Clínica e da Saúde: Instrumentos de Avaliação* (229-250)
- Lussier, P., Farrington, D. P., & Moffitt, T. E. (2009). Is the antisocial child father of the abusive man? A 40-year prospective longitudinal study on the developmental antecedents of intimate partner violence. *Criminology*, 47(3), 741–780.
<https://doi.org/10.1111/j.1745-9125.2009.00160.x>
- Mager, K. L., Bresin, K., & Verona, E. (2014). Gender, psychopathy factors, and intimate partner violence. *Personality disorders: Theory, research, and treatment*, 5(3), 257.
- Mason, C. (2021). Intimate partner violence in the healthcare setting. In R. K. Bailey (Ed.), *Intimate Partner Violence* (p. 7–16). SpringerMcCue, M. (2008). *Domestic Violence: A Reference Handbook*. Library of Congress.
- March, E., Litten, V., Sullivan, D. H., & Ward, L. (2020). Somebody that I (used to) know: Gender and dimensions of dark personality traits as predictors of intimate partner cyberstalking. *Personality and Individual Differences*, 163, 110084.
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110084>

Neumann, C. S., Hare, R. D., & Newman, J. P. (2007). The super-ordinate nature of the psychopathy checklist-revised. *Journal of Personality Disorders*, 21(2), 102–17.

<https://doi.org/10.1521/pedi.2007.21.2.102>

Novak, J., & Furman, W. (2016). Partner violence during adolescence and young adulthood: individual and relationship level risk factors. *Journal of Youth and Adolescence*, 45(9), 1849–1861. <https://doi.org/10.1007/s10964-016-0484-4>

Olsen, J. P., Parra, G. R., & Bennett, S. A. (2010). Predicting violence in romantic relationships during adolescence and emerging adulthood: A critical review of the mechanisms by which familial and peer influences operate. *Clinical Psychology Review*, 30(4), 411–422. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2010.02.002>

Organização Mundial da Saúde (OMS; 2021). Violence against women. <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women>

Organização Mundial da Saúde (OMS; 2023). Violence and harassment. <https://www.who.int/tools/occupational-hazards-in-health-sector/violence-harassment>

Pereira, M. E., Azeredo, A., Moreira, D., Brandão, I., & Almeida, F. (2020). Personality characteristics of victims of intimate partner violence: A systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, 101423. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2020.101423>

Plouffe, R. A., Wilson, C. A., & Saklofske, D. H. (2020). The role of dark personality traits in intimate partner violence: A multi-study investigation. *Current Psychology*, 1-20. <https://doi.org/10.1007/s12144-020-00871-5>

Pozueco, J. M., Moreno, J. M., Blázquez, M., & García-Baamonde, M. E. (2013).

Psicópatas integrados/subclínicos en las relaciones de pareja: Perfil, maltrato psicológico y factores de riesgo [Psychopaths integrated/subclinical in intimate relationships: Profile, psychological maltreatment and risk factors]. *Papeles del Psicólogo*, 34, 32-48

Reidy, D. E., Shelley-Tremblay, J. F., & Lilienfeld, S. O. (2011). Psychopathy, reactive aggression, and precarious proclamations: A review of behavioral, cognitive, and biological research. *Aggression and violent behavior*, 16(6), 512–524.

Reidy, D. E., Krusemark, E., Kosson, D. S., Kearns, M. C., Smith-Darden, J., & Kiehl, K. A. (2017). The development of severe and chronic violence among youth: the role of psychopathic traits and reward processing. *Child Psychiatry & Human Development*, 48, 967-982.

Ribeiro, M., & Sani, A. (2009). Risco, proteção e resiliência em situações de violência. *Revista da Faculdade de Ciências da Saúde*, 6, 400-407.

Robertson, E., Walker, T., & Frick, P. (2020). Intimate partner violence perpetration and psychopathy: A comprehensive review. *European Psychologist*, 25(2).
<https://doi.org/10.1027/1016-9040/a000397>

Saltoğlu, S., & Uysal Irak, D. (2022). Primary versus secondary psychopathy: Coping styles as a mediator between psychopathy and well-being. *Current Psychology: A Journal for Diverse Perspectives on Diverse Psychological Issues*, 41(9), 6534–6542. <https://doi.org/10.1007/s12144-020-01155-8>

- Santos, M. J. M. (2014). A suplência perversa em sujeitos psicóticos como uma possível chave de leitura da psicopatia. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 9(17), 67-79.
- Sanz-García, A., Gesteira, C., Sanz, J., & García-Vera, M. P. (2021). Prevalence of Psychopathy in the General Adult Population: A Systematic Review and Meta-Analysis. *Frontiers in Psychology*, 12, 661044. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.661044>
- Sarkar, N. N. (2008). The impact of intimate partner violence on women's reproductive health and pregnancy outcome. *Journal of Obstetrics and Gynaecology*, 28(3), 266–271.
- Schmitti, S., & Imbellioni, M. (2011). Relações amorosas na sociedade contemporânea. *Psicologia*.
- Seara-Cardoso, A., Queirós, A., Fernandes, E., Coutinho, J., & Neumann, C. (2019). Psychometric properties and construct validity of the short version of the Self-Report Psychopathy Scale in a Southern European sample. *Journal of personality assessment*, 102(4), 457-468. <https://doi.org/10.1080/00223891.2019.1617297>
- Shaffer, C. S., Gatner, D. T., McCuish, E., Douglas, K. S., & Viljoen, J. L. (2021). The role of psychopathic features and developmental risk factors in trajectories of physical intimate partner violence. *Psychology of violence*, 11(6), 549.
- Skeem, J. L., Mulvey, E. P., & Grisso, T. (2003). Applicability of traditional and revised models of psychopathy to the Psychopathy Checklist: Screening Version. *Psychological Assessment*, 15, 41-55. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.15.1.41>

Spidel, A., Vincent, G., Huss, M. T., Winters, J., Thomas, L. A., & Dutton, D. G. (2007).

The psychopathic batterer: Subtyping perpetrators of domestic violence. In H. Herve & J. Yuille (Eds.), *Advances in psychopathy research* (pp. 327-340).

Lawrence Erlbaum

Stanford, M. S., Houston, R. J., & Baldridge, R. M. (2008). Comparison of impulsive and

premeditated perpetrators of intimate partner violence. *Behavioral sciences & the law*, 26(6), 709-722. <https://doi.org/10.1002/bsl.808>

Straus, M. A. (2011). Gender symmetry and mutuality in perpetration of clinical-level

partner violence: Empirical evidence and implications for prevention and treatment.

Aggression and Violent Behavior, 16(4), 279–288.

<https://doi.org/10.1016/j.avb.2011.04.010>

Swogger, M. T., Walsh, Z., Kosson, D. S., Cashman-Brown, S., & Caine, E. D. (2012).

Abuso físico autorrelatado na infância e perpetração de violência por parceiro íntimo: o papel moderador dos traços psicopáticos. *Justiça criminal e comportamento*, 39(7), 910-922.

Tetreault, C., Bates, E. A., & Bolam, L. T. (2021). How dark personalities perpetrate

partner and general aggression in Sweden and the United Kingdom. *Journal of*

Interpersonal Violence, 36(9-10), NP4743-NP4767.

<http://insight.cumbria.ac.uk/id/eprint/4015/>

Theobald, D., Farrington, D. P., Coid, J. W., & Piquero, A. R. (2015). Are male

perpetrators of intimate partner violence different from convicted violent offenders?

Examination of psychopathic traits and life success in males from a community

survey. *Journal of Interpersonal Violence*, 31(9), 1687–1718.

<https://doi.org/10.1177/0886260515569061>

Vagi, K. J., Rothman, E. F., Latzman, N. E., Tharp, A. T., Hall, D. M., & Breiding, M. J.

(2013). Beyond correlates: A review of risk and protective factors for adolescent dating violence perpetration. *Journal of Youth and Adolescence*, 42(4), 633–649.

<https://doi.org/10.1007/s10964-013-9907-7>

Ventura, M. C. A. A., Ferreira, M. M. F., & Magalhães, M. J. (2013). Violência nas relações de intimidade: crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário.

Revista de Enfermagem Referência, 11, 95-103.

<http://dx.doi.org/10.12707/RIII12120>

Vitacco, M. J., Neumann, C. S., & Jackson, R. L. (2005). Testing a four-factor model of psychopathy and its association with ethnicity, gender, intelligence, and violence.

Journal of Consulting and Clinical Psychology, 73(3), 466–476.

<https://doi.org/10.1037/0022-006X.73.3.466>

Walker, L. E. (1979). Psicologia e violência contra a mulher. *Psicóloga Americana*,

44(4), 695–702. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.44.4.695>

Walsh, Z., & Kosson, D. S. (2008). Psychopathy and violence: The importance of factor level interactions. *Psychological Assessment*, 20, 114-120.

<https://doi.org/10.1037/1040-3590.20.2.114>

Woodworth, M., & Porter, S. (2002). In cold blood: characteristics of criminal homicides as a function of psychopathy. *Journal of Abnormal Psychology*, 111(3), 436.

World Health Organization (WHO). (2010). *Preventing intimate partner and sexual violence against women: taking action and generating evidence*. World Health Organization.

Anexo

Tabela 1

Caracterização sociodemográfica dos participantes incluídos no estudo

	VRI Perpetração		
	Total	Sim	Não
	(<i>n</i> = 342)	(<i>n</i> = 171)	(<i>n</i> = 171)
	<i>n</i> / <i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>n</i> / <i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>n</i> / <i>M</i> (<i>DP</i>)
Sexo			
Masculino	72	34	38
Feminino	270	137	133
Idade	25.30 (8.524)	26.27(9.32)	24.34(6.90)
Nacionalidade			
Portuguesa	330	163	167
Outra	12	8	4
Estado Civil			
Solteiro(a)	291	135	156
Casado(a)/União de Facto	44	32	12
Divorciado(a)/Separado(a)	7	4	3
Viúvo(a)	0	0	0
Relacionamento Amoroso			
Sim	190	114	76
Não	152	57	95
Habilitações Académicas			
Primeiro Ciclo (4ºano)	1	1	0
Segundo Ciclo (6ºano)	3	3	0
Terceiro Ciclo (9ºano)	6	3	3
Ensino Secundário	120	66	54
Ensino pós-secundário (cursos profissionais)	15	7	8
Licenciatura	159	72	87
Mestrado	35	19	16
Doutoramento	3	0	3
Situação Profissional			
Estudante	171	71	100
Trabalhador(a)-Estudante	59	33	26

Desempregado(a)	16	10	6
Reformado(a)	3	2	1
Empregado(a)	90	52	38
N/D	3	3	0
Nível socioeconómico			
Baixo	52	27	25
Médio	155	77	78
Médio-baixo	76	39	37
Médio-alto	39	21	18
Alto	1	0	1
N/D	19	7	12
Filhos			
Sim	42	29	13
Não	297	140	157
N/D	3	2	1
Perturbação mental			
Sim	86	43	43
Não	256	128	128
Álcool			
Sim	166	98	68
Não	175	73	102
Outras Substâncias			
Sim	22	12	10
Não	318	158	160
N/D	2	1	1

Nota. ND = informação não disponibilizada; VRI = Violência nas Relações de Intimidade